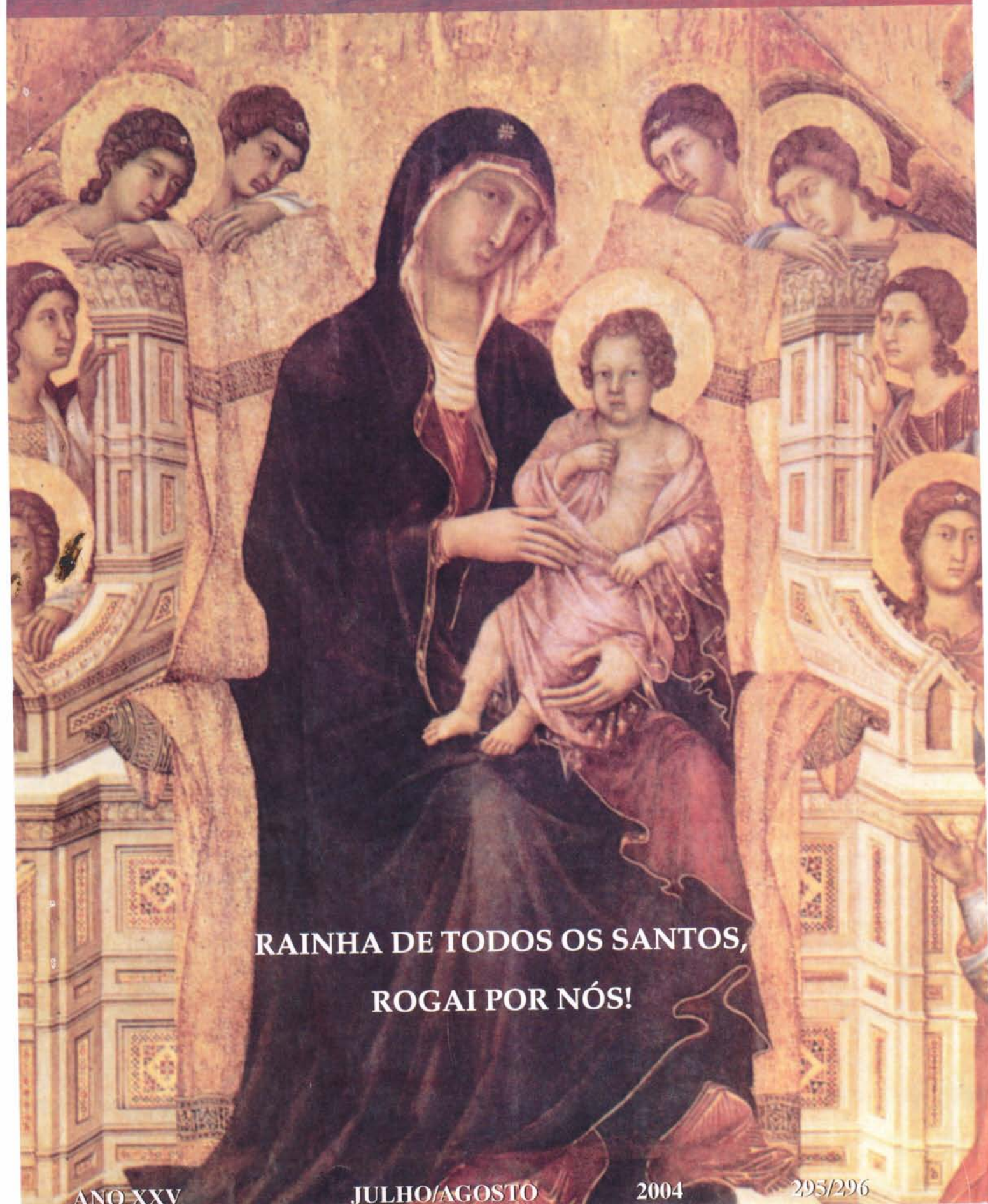




# O DESBRAVADOR

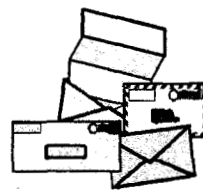
ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



RAINHA DE TODOS OS SANTOS,  
ROGAI POR NÓS!



# Escrevem os Leitores



*Estava pedindo a Deus e a Nossa Senhora que falasse como agir com meu filho de 14 anos. Ele, ultimamente, só pensa em videogame. Todos os dias o que importa é jogar. Já conversei várias vezes com ele, mas não adianta é como se tudo fosse perfeitamente normal. Quando saí da igreja vi um sr. entregando a revista "O Desbravador". Peguei um exemplar, lino ônibus mesmo e a resposta estava ali na página 5. Eu pedi e o Senhor Deus respondeu. Estou muito feliz e agradecida por esses católicos que fazem esse trabalho maravilhoso. Estou agradecida de todo o meu coração.*

M.P.C.  
SÃO PAULO - SP

*Estou enviando o comprovante de depósito bancário para ajudar nas despesas de publicação do jornal. É uma pequena oferta mas que pretendo contribuir todo mês porque aprecio muito os seus artigos. Recebam meus sinceros parabéns.*

EMÍLIA EIKO HASEGAWA  
SÃO PAULO - SP

*Fiquei sabendo por um amigo desse jornal. Li e gostei muito. Tenho 15 anos, gosto de ler, principalmente a vida de santos que vocês publicam. Fiquei muito grato se receber "O Desbravador" em minha casa. Muito obrigado.*

VALDEIR C. DOSSANTOS  
ANÁPOLIS - GO

*Gosto muito desse boletim, seja pela simplicidade (linguagem acessível, clareza de termos), seja profundidade. Gostaria de pedir que me enviem esse precioso "O Desbravador". Tenho a certeza que muito me ajudará e também aos meus irmãos seminaristas.*

*Desde já agradeço a atenção, vos parabenizo pelo belo trabalho e vos asseguro minha humilde prece.*

FR. BENEDITO MARIA  
ANÁPOLIS - GO

Imprimimos  
com

**RIPAX**  
Premium  
Quality  
Paper 12967 73

## O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

### DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

### ASSISTENTE DE DIREÇÃO

PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO  
MOACIR ANDRADE DE PAULA

### SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS  
GERALDO JOSÉ DE MATOS  
JANILSON ALVES DIAS

### REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA  
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS  
RONILSON VERÍSSIMO  
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS  
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA  
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

### SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATOS  
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO  
SHEFFERSON SANDER FERREIRA  
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

### EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO  
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS  
GERSON FERNANDES DOS SANTOS  
ROGÉRIO VERÍSSIMO  
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

### COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



### CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 1525  
01059 - 970 SÃO PAULO SP  
e-mail - odesbravador@uol.com.br

# Editorial

---

Tempos difíceis os nossos. Vivemos em um mundo que se esqueceu de Deus, Nosso Senhor. Um mundo em que prestigia o vício, aceita a depravação e ataca e ridiculariza a Virtude, a Fé, a Religião.

Tudo é permitido, dizem os fautores desse mundo, mas aí daquele que é virtuoso, defende a prática da virtude e ataca erros e vícios! Tudo tem liberdade, mas o Bem é escondido, ocultado e atacado.

Vive-se para ganhar dinheiro, para ser famoso, para aproveitar a vida, mas não se dá lugar à Salvação Eterna. Até coisas feitas em nome da Religião são vistas em uma ótica terrena, não visando a eternidade.

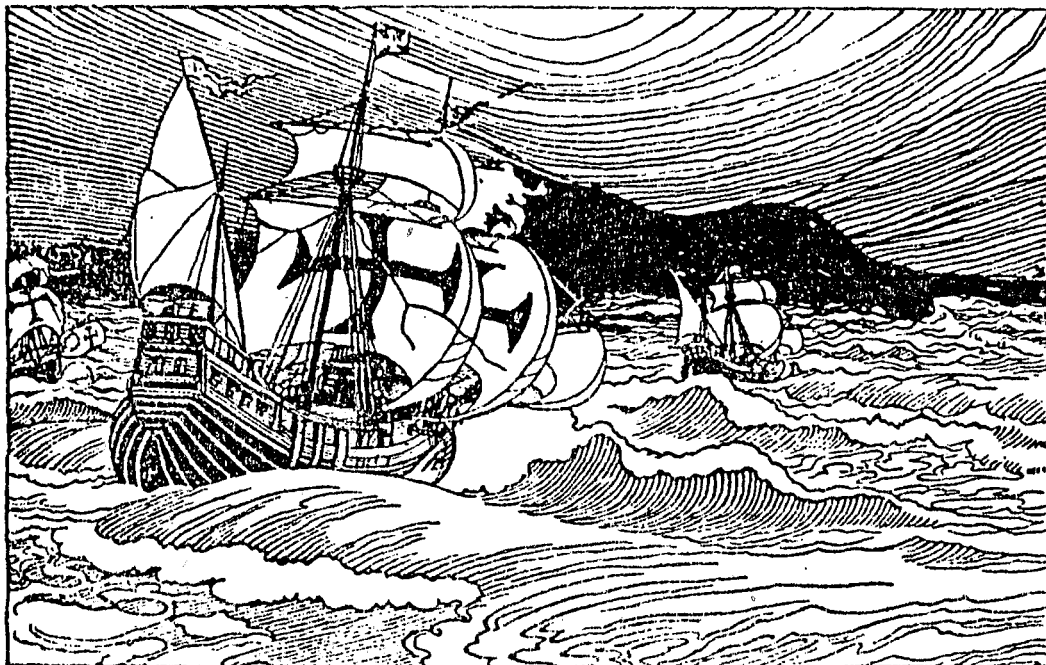
Tempos difíceis, de se viver, mas também tempos gloriosos de se viver, pois quem for bom nesse mundo de hoje terá suplantado imensos obstáculos, quem sofrer perseguições por amor à Justiça será altamente recompensado no Reino dos Céus quem combater o bom combate terá vencido algo que parecia não superável.

No artigo de fundo desse nosso número de "O Desbravador" falamos da Guerra Civil Espanhola, com ênfase ao cerco do Alcácer de Toledo, quando católicos foram martirizados, muitos, heróis, tantos.

Era um momento terrível e houve quem se portasse magnificamente, inclusive saindo de sua frieza e modorra.

E como devia ser foi em Nossa Senhora que esses bravos encontraram refúgio e auxílio.

E é nEla que também encontrarão proteção os que hoje forem lutar, trabalhar, sofrer por Deus e pela Santa Igreja. Ela é a Rainha dos Mártires, dos Apóstolos enfim de todos os Santos e Ela não nos faltará se trilharmos pelo caminho do bom combate



# Passageiro x Eterno

Muitas pessoas, quiçá a maioria vive como se esta nossa vida terrena fosse durar para sempre. Fazem projetos, elaboram sonhos, como se nada pudesse perturbar seus intentos.

E, na hora que menos esperam, algo inesperado lhes acontece: a morte. Ai então, projetos, sonhos, tudo vai por água abaixo.

Os bens, tão penosamente adquiridos, vão para outros, os projetos, tão minuciosamente feitos, desaparecem, os sonhos vão para o ralo do não realizado.

O que restou de suas apostas? Nada. O que adiantou tanto esforço? Nada também.

Vemos então que é loucura dedicar nossa vida àquilo que é passageiro. E loucura é também não pensar no duradouro, naquilo que é eterno.



Sim, quando morrermos, algo continuará existindo: nossa alma. E ela será condenada ao fogo eterno do inferno, se morrermos com um só pecado mortal que tivermos cometido e não tenha sido perdoado.

Portanto, vamos começar a pensar no negócio mais importante de nossa existência que é o negócio de nossa Salvação Eterna. Para tanto, comecemos a rezar para alcançar a misericórdia Divina, arrependamo-nos de nossos pecados, façamos uma ótima confissão a um padre, mudemos de vida, passemos a freqüentar os Sacramentos e rezemos, rezemos muito Àquela que é o Refúgio dos pecadores, Nossa Senhora, Mãe de Deus e nossa Mãe, para que alcancemos a Eterna Salvação.

**RIPAX**  
Premium  
Quality  
Paper **Laser 75**

Imprimimos  
com

# A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

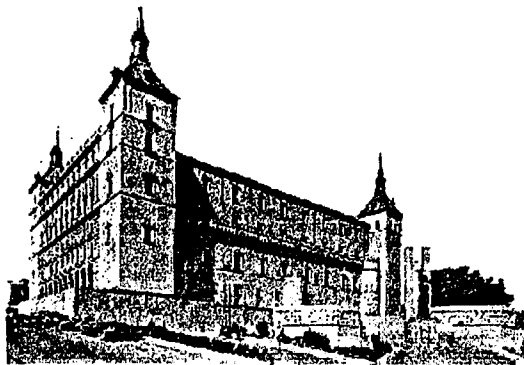
Desde o século XIX, começou a haver na Espanha uma grande divisão. De um lado, os partidários da Espanha Católica tradicional, fiel às raízes desse país, e de outro, uma Espanha liberal, revolucionária, anti-católica.

Em 1931, o rei Afonso XIII renuncia ao trono e é proclamada a República, que assume caráter anti-católico. Frase do primeiro ministro Azaña resume isso: “A Espanha deixou de ser católica”. Os acontecimentos mais adiante narrados mostrarão que ele estava errado, mas logo começou uma onda de atentados, incêndios, contra igrejas católicas.

Em 1936 ocorre o “Alzamiento” que foi o levante das forças pró-Espanha Tradicional Católica contra a República socialista, comunista, liberal e anti-católica.

Foram três anos de luta sangrenta, após os quais triunfaram as forças pró Espanha de sempre.

Aqui gostaríamos de narrar alguns fatos que mostram de um lado, o ódio à Fé por parte dos comuno-republicanos, e de outro, um heroísmo imenso da parte dos mártires católicos de então.



## A EPOPÉIA DO ALCÁCER DE TOLEDO

Em 18 de julho de 1936 começa a Guerra Civil.

Na cidade de Toledo, o Coronel Moscardó, comandante da Academia Militar, toma a iniciativa e ocupa o Alcácer, aonde

funcionava a Academia, seguido de sua tropa, de alguns civis particularmente ameaçados e das famílias dos guardas. Sua esposa dona Maria e os dois filhos não puderam acompanhá-lo pois estavam em outra região. Sede da Escola de Cadetes, o Alcácer, de difícil acesso, verdadeiro labirinto de salas e quartos, de galerias subterrâneas, parece ser, para Moscardó, o local ideal para conduzir a luta e livrar seus compatriotas da fúria dos comunistas.

Com quase 60 anos, Moscardó ainda conserva todo o ardor da juventude. Homem simples, íntegro, alma de militar e católico fervoroso, não admite que se falte com a honra e nem com a disciplina.

Seu primeiro cuidado foi o de organizar a defesa do Alcácer. Por uma ação providencial, o governo (Madrid) havia expedido um estoque de armas e de remédios para Toledo. São transferidos para o Alcácer um milhão e trezentos mil cartuchos, mil e duzentos fuzis, trinta e oito metralhadoras e um morteiro. Trigo e conservas completam o aprovisionamento.

Tomadas essas providências, Moscardó passa a cuidar do preparo da sua pequena milícia, que compreende mais ou menos: 600 guardas civis, 200 cadetes e alunos da Escola de Ginástica, 160 oficiais, 85 falangistas, 2 médicos e 1 cirurgião. Como elemento civil haviam mais de 600 mulheres e crianças, 3 freiras e sua superiora Madre Josefa.

Ao todo, quase 2 mil pessoas, cercadas por 10 mil comunistas poderosamente armados.

## Escolha cruel

Algumas das características mais marcantes desses dias atrozés são a confiança, coragem e bom-humor constantes. Vive-se com dificuldade na semi-escuridão, pois a eletricidade foi cortada. A única claridade vem de tochas embebidas com a gordura dos cavalos abatidos. Falta tudo, talheres, cobertores... Os

únicos contatos com o exterior são os apelos telefônicos dos chefes republicanos e um pequeno posto de rádio onde se misturam informações mentirosas e humilhantes partindo de Madrid e vozes reconfortantes dos franquistas.

Pouco importa! Tinham decidido resistir e manteriam a palavra!

Convencidos de que a resistência do Alcacer não duraria, os republicanos não o atacam imediatamente. Dão alguns tiros e lançam algumas bombas de fraco impacto.

Por que haveriam de se expor se possuíam armas mais preciosas do que os fuzis e canhões? Tinham prendido dona Maria e seus filhos e resolvem usá-los como reféns.

No dia 23 de julho, Moscardó está em reunião com os oficiais, quando toca o telefone. O líder comunista Candido Cabello pergunta:

- Coronel, você está decidindo a abandonar o Alcacer?

- Eu estou decidido a permanecer aqui.

- Eu lhe dou 10 minutos para mudar de opinião. Esgotado esse prazo, vamos agir. Mas, antes, vou passar o telefone para outra pessoa. Aguarde na linha.

Uma voz diferente ressoa no aparelho: voz jovem e vibrante. Moscardó reconhece seu filho Luis.

- Papai, os milicianos me prenderam. Dizem que me matarão se recusares a atendê-los. Já sei qual é vossa resposta, mas quero ouvi-la diretamente do Sr.. Fale e obedecerei. O que devo fazer?

Com a mão agarrada no aparelho e a voz estrangulada pela emoção, mas num tom calmo, refletido, e, ao mesmo tempo como chefe militar e como pai, Moscardó pronuncia:

- Encomende a tua alma a Deus, peça-lhe a coragem necessária. E que seu último grito seja: Viva Cristo Rei, Viva a Espanha e morra como um homem!

- Não temas nada! Um grande abraço, papai!

- Um grande abraço, meu filho!

Silêncio. Moscardó continua:- Candido Cabello, pode esquecer o prazo que me destes. O Alcacer jamais se renderá!

Com um grande sinal da Cruz, o Coronel deixa o telefone, reocupa lentamente o seu lugar na mesa de reunião e ordena:

- Prossigamos! Dizíamos então, que...

No dia 25 de julho, seu filho é fuzilado.

### **Carlos V sempre de pé**

A luta aumenta. A intensidade do fogo da artilharia dos vermelhos faz ampliar as brechas na muralha do Alcacer. Apesar disso, os bravos combatentes do Alcacer não se entregam. Às vezes ocorre uma breve calmaria. O telefone chama e recomeça o inútil diálogo entre Moscardó e o chefe republicano.

- Coronel, não me obrigue a destruir seu nobre Alcacer.

- General, não me peça para desonrá-lo.

Para o mundo, o Alcacer tinha se transformado no símbolo da luta entre as duas Espanhas.

No pátio central, a grande estátua de Carlos V, mutilada pelos tiros das metralhadoras, permanece de pé.

Diante de tanta resolução, os republicanos resolvem empregar a falsa informação para perturbá-los. Em 29 de julho, a rádio Madrid anuncia a rendição do Alcacer. Essa afirmação, logo desmentida pelos franquistas e pelas agências do exterior, só faz reforçar em Moscardó a disposição de resistir.

Os vermelhos intensificam os bombardeios. A média de obuses chega a atingir 487.

Privados de padres, os sitiados se reúnem na capela para rezar à Santíssima Virgem e suas invocações terminam com essas palavras:

- Se morrermos, será apenas nós, mas o que cremos não morre!

Nos terríveis meses de agosto e setembro multiplicam-se os atos de coragem. Ora é o capitão Luis Alba, encarregado de fazer a ligação com tropas nacionalistas, que sai disfarçado, atravessa o rio Tejo a nado, mas é descoberto, preso pelos vermelhos, recusa-se a falar sob tortura e é fuzilado. Ora é um Antonio Rivera indo buscar sob fogo cerrado, uma

metralhadora que caiu da muralha, ora é o lugar-tenente Gomes Oliveiras, arrancando, de um canto da esplanada, a bandeira comunista colocada por um miliciano e substituindo-a pela da **velha e católica Espanha**.

Não menos heróica é a sublime resignação dos 430 feridos. Com poucos remédios, a maioria das cirurgias tem de ser feitas sem anestesia.

Rivera, cuja ferida requer a amputação de um braço, rejeita o vidro que ainda contém um pouquinho de clorofórmio.

- Guarde-o, diz ele, vocês poderão precisar para atender alguma mulher ou criança.

### Sorrisos no meio da tempestade

Digno de nota, também, foram os esforços de Moscardó e de seus oficiais para sustentar o moral da tropa. Numa cidadela meio demolida, onde um pedaço de muralha ou um teto poderiam desabar a qualquer momento, intrépidos datilógrafos redigem o jornal dos sitiados: o El Alcazar.

Eram simples folhas contendo tudo o que poderia interessar ou distrair os leitores: reprodução de comunicados radiofônicos, lista de mortos e feridos, notícias da atividade interior, anúncios, ditos populares... Hoje, isso pode soar como ingenuidade, mas que grandeza adquirem, à distancia, esses sorrisos no meio da tormenta, esse desafio ao perigo!

Em 14 de agosto, o El Alcazar publica a programação do dia seguinte, festa da Assunção de Nossa Senhora. E no dia 15, depois das preces, no abrigo subterrâneo, sempre com pouca iluminação, as crianças podem aplaudir os cadetes trapezistas e os apresentadores de monólogo acompanhados com o som de tradicionais guitarras. Lá fora, metralhadoras e canhões, rugem.

Em Toledo, os republicanos começam a ficar inquietos. "Assim, eles não se entregarão nunca".

As notícias de outras partes do front são alarmantes. Em 18 de agosto, a radio franquista anuncia uma vitória em Maiorca, no dia 20, os exércitos do Norte avançam sobre Irun, no 21,

um desastre dos vermelhos em Calzada de Oropesa favorece o avanço da coluna Yagüe sobre Toledo!

Com efeito, a repercussão internacional da resistência no Alcacer tinha incitado Franco a retomar a ofensiva contra Madrid, para apressar a libertação dos sitiados.

Rompendo as barreiras, aviões começam a despejar no Alcacer caixas com conservas, leite condensado e panfletos assinados por Franco:

*Vencedores de todas as frentes, voamos para a vitória. Resistam a qualquer custo. Viva a Espanha!*

### Único pedido: um padre

Como a força se mostrava incapaz, os vermelhos resolvem empregar a astúcia para obter a rendição, ou pelo menos uma evacuação parcial do Alcacer.

Em 9 de setembro, propõem a Moscardó para receber um emissário incumbido de tratar do problema das mulheres e crianças. Escolhem para essa função, um antigo ajudante de Moscardó, da Escola de Ginástica. Ao que Moscardó responde:

- Receberei o comandante Rojo de acordo com as leis de guerra, com a condição de, durante sua visita, ser respeitada a trégua. Ao primeiro movimento de vossas tropas, mandarei abrir fogo!

No dia 10 de setembro, Rojo se apresenta na entrada do Alcacer, um falangista coloca-lhe uma venda nos olhos e o conduz até Moscardó. Retiram a venda, ele senta-se e a conversação começa.

Entretanto, desde o início Moscardó se mostra irredutível. Desconfiando das intenções humanitárias dos vermelhos ele manda avisar que o Alcacer jamais se renderá.

Ao retornar, os comunistas perguntam a Rojo:

- Ele não vos fez nenhum pedido?

- Sim, diz Rojo, eles solicitam um padre!

- Ah, um padre? Por que não? Diz Candido Cabello.

Um padre talvez pudesse ser mais hábil do que Rojo. Escolhem então, D. Enrique Vasquez Camarasa, cônego da Catedral de Madrid.

### A missa de D. Enrique

No dia 11 de setembro, ele se apresenta na entrada da esplanada do Alcacer. Está em traje civil e carrega, numa das mãos, uma maleta com os objetos da celebração da missa, e na outra um grande crucifixo. Moscardó inclina-se respeitosamente à sua aproximação.

O prazo da permanência de D. Enrique no Alcacer não deverá ultrapassar três horas.

A missa começa logo, fazendo lembrar um pouco a dos primeiros cristãos nas catacumbas.

Da capela, D. Enrique se dirige para a enfermaria, dá a absolvição geral aos feridos e ministra-lhes os Sacramentos.

Antes de partir, ele reitera a Moscardó os pedidos feitos por Rojo sobre a situação das mulheres e crianças.

- Meu padre, diz Moscardó, eu comando meus soldados, não as mulheres. Pergunte a elas. A decisão é delas.

D. Enrique volta-se para um grupo de mulheres e lhes coloca o problema. A resposta é unânime:

**- Nós jamais abandonaremos nossos maridos. Lutaremos e morreremos com eles, se for preciso. Somente abandonaremos o Alcacer após a vitória!**

Os dias seguintes são os mais trágicos vividos no Alcacer. Ao barulho dos canhões e das explosões se junta agora o ruído ensurdecido das escavadeiras penetrando no solo. Especialistas vindos das Astúrias, preparam uma mina para mandar o Alcacer pelos ares.



Dias de angústia, mas também de esperança. As colunas franquistas se aproximam de Toledo.

### O último assalto

Os defensores colocam na sala central do Alcacer a imagem de São José.

Durante 48 horas (16 a 18 de setembro) prossegue o pavoroso ruído das escavações. A qualquer momento poderia ocorrer a explosão. E no dia 18, às 7 horas, acontece uma formidável detonação que sacode o edifício. A grande torre sudoeste desaba, a fachada oeste é pulverizada, deixando destruídas as suas dependências.

Felizmente, a bomba causa poucas perdas entre os combatentes, e nenhuma, entre os civis.

Ao mesmo tempo, os vermelhos dão início ao assalto. Sobem em grupos compactos. Sapadores especializados apontam lanças-chamas para as ruínas fumegantes para completar a destruição com o incêndio. Avançam cantando vitória, imaginando que não iriam encontrar viva alma entre os escombros.

De repente, o imprevisível acontece. Desse Alcacer que acreditavam ter se transformado num cemitério, saltam, de todas as aberturas, um batalhão de espectros esfarrapados, animados de uma força que surge, às vezes, depois de um longo sofrimento. Seu fogo ceifa as fileiras dos vermelhos. O combate é breve e horrível. Mas o assalto é repellido em todos os lados.

Ao mesmo tempo, o exército franquista mantém Toledo sob fogo. Temendo ficar encurralado entre dois fogos, o exército republicano começa a abandonar a cidade para garantir, mais ao norte, a defesa de Madrid.

A partir desse momento, o Alcacer passa a conhecer uma certa calma. Ainda ocorrem alguns tiros e explosões isoladas. No dia 26 de setembro reina um estranho silêncio quebrado por tiros na margem do Tejo, que cessam completamente no fim do dia 27. À noite, surge, nas imediações do Alcacer, as silhuetas dos soldados da coluna Yagüe.



## Nada de novo, meu general

No dia seguinte, bem cedo, o general Varela é aplaudido pelos combatentes, no pátio do Alcacer. Varela avança para abraçar Moscardó. Este, também se aproxima, e pára a três passos de seu chefe. Presta continência e anuncia relembrando a expressão convencional dos insurgentes do 18 de julho:

- En el Alcazar, sin novedad, mi general. (No Alcacer, nada de novo, meu general). Tudo está destruído menos a honra.

Um toque de clarim faz lembrar os mortos. Ao todo foram 82 mortos e 430 feridos, em 68 dias de cerco. Por outro lado, o Alcacer registrou dois nascimentos: o filho do lugar-tenente Rodrigues que recebe como sobrenome Alcazar Restituto, e a filha de um guarda civil, vinda ao mundo na trágica jornada de 18 de setembro (dia da explosão da mina) e recebe o nome por reconhecimento, de Josefa del Milagro.

A vitória do Alcacer foi apenas um episódio dessa longa guerra civil, e o mais impressionante de todos.



Moscardó ainda viveria 20 anos depois desta façanha. General do exército de Aragão, depois adido militar de Franco e capitão geral da Andaluzia, em 1946. É nomeado conde do Alcacer em 1948, e vem a falecer em 1956. Seus restos repousam na cidadela restaurada (Toledo) no mesmo túmulo em que jaz seu filho, Luis, primeiro herói do Alcacer.

(Rev. Historia Hors Serie no. 22)



“...No dia 18, às 7 horas, acontece uma formidável detonação”

## "QUARENTA SEGUNDOS É MUITO"

Os inimigos da Fé colocavam na cabeça de católicos uma arma engatilhada e davam quarenta segundos para que a pessoa textualmente renunciasse à Fé. Caso isso não ocorresse, o gatilho funcionava. A esse propósito o poeta francês, Paul Claudel, disse "colocam-te nas mãos o Céu e o Inferno e tu tens 40 segundos para decidir. Quarenta segundos é muito. Irmã Espanha. Santa Espanha Tu decidiste. Onze bispos, dezesseis mil padres massacrados e nenhuma apostasia".

\*

Um padre ao ser fuzilado disse que durante sua vida pedira sempre três graças: ser padre, ser mártir e que um de seus algozes se convertesse. Padre ele era, mártir seria em breve e naquela hora um dos que iria atirar nele mudou de lado e morreu fuzilado com ele bradando ambos: "Viva Cristo Rei".

\*

No seu ódio, milicianos comunistas atiravam em imagens sagradas, faziam barba usando cálice da missa, e uma milicianiana passeava com uma Santa Óstia Consagrada na testa. Essa morreu em poucos dias, vítima de meningite.

Religiosas eram atacadas e chegou-se a profanar o cadáver de uma religiosa, tal era o ódio à virtude.

\*

Um padre ao dizer que queria sofrer por Cristo, foi flagelado sem piedade. Depois lhe propuseram a blasfemar para ser "perdoado". "Sou eu quem vos perdão e vos abenção". Morreu a golpes de fogo e quis morrer de pé para abençoar seus algozes...

\*

Um jovem piedoso teve seus dois olhos arrancados.

\*

A mãe de dois jesuítas teve um crucifixo enfiado em sua boca.

Não se dizia mais adeus mas saúde.

\*

Um político disse que os vermelhos haviam destruído igrejas e eles, dirigentes, a Igreja.

\*

Os mártires mostraram que a Espanha era católica e a Igreja mais pujante que nunca, eis que os católicos morriam pela Fé e por Ela lutavam.



O heroísmo dos defensores do Alcacer de Toledo, a Fé dos mártires espanhóis, muitos dos quais já elevados aos altares mostram que a Espanha Católica continuava a existir. Naquela guerra a Espanha de sempre venceu.

Os anos passaram e, desgraçadamente, a Espanha decaiu.

Seja pelas comodidades trazidas pelo progresso material, seja pela adesão dos espanhóis ao politicamente "correto", seja pela perfídia dos maus políticos, seja pela atuação de maus católicos, a Espanha mudou e para pior.

Hoje, ali, nudismo, costumes imorais campeiam. As leis desse país, hoje, aceitam divórcio e aborto, foi aprovado o "casamento" para pessoas do mesmo sexo.

O que não conseguiram os tiranos da década de 30, hoje se pratica, o que é comum, infelizmente, também mundo afora.

É preciso que haja gente que diga basta a isso.

Seria maravilhoso que voltasse a haver almas como os defensores do Alcacer de Toledo e dos mártires espanhóis da década de 1930.

# Aborto e Batismo

Recentemente um juiz do Supremo Tribunal Federal, deu uma liminar autorizando o aborto de crianças portadoras de anencefalia, isto é, sem cérebro.

De início dizemos que não é exato dizer “sem cérebro”, pois é apenas parte que falta. Mas aqui, queremos registrar a maldade que tal decisão produz. Assim, sendo abortada, a criança que tem uma alma imortal fica privada do Batismo.

Sim, o Batismo é necessário à Salvação Eterna e o aborto impede que a criança receba tão necessário Sacramento.

Alguém dirá que isso vale para quem tem Fé. Nós retrucamos, dizendo que a Fé tem por objeto verdades e verdades eternas e somente por uma alma Nosso Senhor derramaria, como o fez, até a última gota de seu Sangue infinitamente precioso.



---

## Quem perde mais?

Pessoas existem que não acreditam na Vida Eterna e dizem que levar uma vida cristã, uma vida santa é desperdiçar a sua existência e perder toda vida.

A esses, nós pedimos que reflitam conosco: quem perde mais?

Imaginemos, por absurdo, que não existisse inferno. O que perderia alguém que levasse vida pura, vida correta? Não perderia nada, antes seria merecedor de muita coisa por ter passado a vida fazendo o bem. E, mais absurdamente ainda, alguém diria que perdeu, digamos, 80 anos. Repetimos, isso se, por absurdo, a vida fosse somente a terrena.

Mas, estando certos, como estamos, existe Vida Eterna, o que perde o devasso, o orgulhoso, o avarento? Ele perde o Céu e se condenará para sempre ao inferno.

Quem, pois perde mais?

Mas, cabe dizer aqui, como diz Santa Tereza de Jesus, em sublime poesia que amaria a Deus ainda que não houvesse Céu e O temeria ainda que não existisse inferno.

## SANTO IVO

### Padroeiro dos Advogados

Santo Ivo, o advogado santo ao qual os juristas de muitos países têm como padroeiro, nasceu na província de Bretanha, na França. Seu pai o enviou, para estudar, à Universidade de Paris, e ali, guiado por famosos professores de direito, obteve seu doutorado como advogado.

Em seus tempos de estudante leu aquela célebre frase de Jesus: "Certos maus espíritos não se afastam senão com a oração e o jejum" (Mc 9, 29). E se propôs, desde então, dedicar um bom tempo, em cada dia, à oração e se mortificar, no que for possível, nos olhares, nas refeições, no luxo no vestir, e nos descansos que não fossem muito necessários. Começou a abster-se de comer carne e nunca tomar bebidas alcoólicas. Vestia-se pobremente e o que sobrava de tudo isto, dedicava a ajudar os pobres. E Deus o premiou concedendo-lhe uma grande santidade e uma imensa generosidade em favor dos necessitados.



Quando voltou à sua terra natal foi nomeado juiz do tribunal e no exercício de seu cargo se dedicou a proteger os órfãos, a defender os mais pobres e a administrar a justiça, com tal imparcialidade e bondade, que ainda aqueles a quem teria que decretar castigo, o seguiam amando e estimando.

Sua grande bondade lhe outorgou o título de "Advogado dos pobres". Não contente em ajudar os que viviam em sua região, ia a outras províncias para defender os que não tinham como pagar um advogado, e amiúde pagava os gastos que os pobres teriam para defender seus direitos.

Visitava os cárceres e levava presentes aos presos e lhes fazia gratuitamente a defesa para os que não podiam pagar um advogado.

Naquele tempo os que queriam ganhar um pleito levavam presentes caros aos juizes. Santo Ivo nunca aceitou, por menor que fosse, qualquer presente de seus clientes, porque não queria se deixar comprar e nem agir com parcialidade com ninguém.

Quando lhe levavam um pleito, se esmerava para que os litigantes resolvessem tudo amigavelmente em privado, sem terem que fazê-lo por meio de demandas públicas.

Assim conseguiu que muitos litigantes terminassem sendo amigos, evitando assim grandes gastos que pleitos judiciais ocasionariam.

Depois de trabalhar bastante como juiz, Santo Ivo foi ordenado sacerdote, e desde então, nos últimos 15 anos de sua vida, se dedicou totalmente à pregação e à administração dos Sacramentos. Conseguiu dinheiro de doações e construiu um hospital para doentes pobres. Tudo o que chegava era repartido entre os mais necessitados. Somente ficava com a roupa para trocar-se. O resto ele doava. Uma noite se deu conta de que um pobre estava dormindo na calçada da casa paroquial, então se levantou e deu ao pobre sua própria cama, indo deitar-se no chão.

De muitas partes chegavam litigantes pedindo a Santo Ivo que fizesse as pazes entre eles, o que ele conseguia com grande facilidade. Aproveitava de todas essas ocasiões para pregar sobre a Vida Eterna que nos espera e do muito que devemos amar a Deus e ao próximo.

Alguém lhe aconselhou a não dar tudo o que recebia. Que fizesse economia para quando ficasse velho, ele respondeu: "e quem me assegura que vou ficar velho? A troca que é totalmente segura é que o bom Deus me devolverá cem vezes mais do que dou aos pobres". E seguiu repartindo com grande generosidade.

No começo de maio de 1303 começou a sentir-se muito debilitado. Mas nem por isso deixou de dedicar muito tempo à oração, à meditação e a ajudar a pacificar quantos estivessem brigados, em discussões ou em pleitos.

Em 19 de maio de 1303 estava tão debilitado que mal podia manter-se em pé, necessitando que o segurassem. Mesmo assim celebrou a Santa Missa. Depois se recostou e pediu que lhe administrassem a Extrema Unção e morreu muito tranqüilamente, como quem dorme na terra e desperta no Céu. Tinha 50 anos.



# O Inferno existe (III)

## Horrendos Suplícios do Inferno

Nenhuma língua humana é capaz de exprimir os tormentos atrozes daquele lugar de desespero. Como descrever aquele fogo medonho aceso pela ira de Deus? Os remorsos cruéis que dilaceram o mísero pecito? A eternidade sem fim, com o terrível sempre e o terrível nunca?

Diz Santo Agostinho que o fogo da terra comparado com o do inferno, parece um fogo pintado, e S. Vicente Ferrer diz que em confronto com aquele, o nosso é frio.

Gastemos embora páginas e livros inteiros falando do inferno, acumulemos males sobre males, sofrimentos sobre sofrimentos, desgraças sobre desgraças, chamemos em nosso auxílio as fantasias fecundas dos poetas, para idear penas atrozes, peçamos aos tiranos da História as torturas que inventaram para seviciar as suas vítimas e apesar de tudo isso, chegaremos à conclusão de que infinitamente maiores são os suplícios do inferno.



Santa Teresa foi, um dia, arrebatada em êxtase e levada ao inferno para ver o seu lugar, caso não se emendasse de certo defeito.

Ela mesma conta na sua autobiografia:

"Estando um dia em oração, fui transportada, sem saber como, em corpo e alma, ao inferno. Compreendi que Deus queria mostrar-me o lugar que ocuparia, se não mudasse de vida. Não tenho palavras que possam dar uma pequena idéia desse tormento incompreensível. Sentia em minha alma um fogo que me devorava e o corpo sofria dores insuportáveis. Durante a minha vida passei por duros sofrimentos, mas, nem se comparavam com os que tive naquela ocasião; e ainda esses subiam de ponto, ao pensar que seriam eternos e sem o menor alívio. Mas, apesar das torturas do corpo serem atrozes, não tinham comparação com as agonias da alma. Ao mesmo tempo, sentia-me queimar e partir em pedaços, sofria todas as angústias da morte e os horrores do desespero.

Nem um raio de esperança e de consolação naquela morada; aí se respira um odor pestilencial, que sufoca; nem um raio de luz, mas tudo são trevas da mais densa escuridão; contudo, oh!

Mistério, mesmo naquele escuro se distingue o que de mais penoso há para a vista.

Em suma, tudo o que ouvi dizer ou li sobre as penas do inferno é insignificante em confronto com a realidade; entre aquelas penas e estas há a mesma diferença que entre uma pessoa e o seu retrato. Ah! O fogo deste mundo por mais ardente que seja, é como o fogo pintado, comparado com aquele que atormenta os réprobos no inferno.

Há já dez anos que tive esta visão, mas estou ainda agora tão espantada, que, enquanto escrevo, o medo gela-me o sangue nas veias. Em meio às provações e dores que tenho, trago à mente esta visão e de aí tiro força para tudo suportar".

Até aqui a santa.

Vicente de Beauvais, no livro 25 de sua História, refere o seguinte fato, acontecido pelo ano 1000.

Dois libertinos fizeram uma combinação: o primeiro a morrer viria à terra participar ao companheiro em que estado se achava. Morreu um deles, e Deus permitiu aparecesse ao amigo: era horrendo, parecia sofrer duramente e suave em bicas. Enxugou a fronte com a mão e deixou cair uma gota de suor no braço do companheiro, dizendo-lhe:

- Eis qual é o suor do inferno; dele terás um vestígio até à morte.

E assim foi, pois aquele suor infernal queimou-lhe o braço, penetrando na carne com dores inauditas.

Bom para ele que soube aproveitar-se de tão terrível lição e retirou-se para o convento.

Em 1873, Nova Iorque foi teatro de um incêndio, cujas circunstâncias apresentam a imagem do inferno.

O Circo Baunum foi assaltado pelo fogo; tigres, ursos, leões e outras feras foram queimadas vivas nas suas jaulas. À medida que o fogo se propagava, crescia o desespero das feras; sobretudo os tigres e ursos tornavam-se cada vez mais furiosos. Atiravam-se com supremo esforço contra as grades, já incandescentes, da prisão e eram rechaçados quais massas inertes, para de novo se arrojamem contra o insuperável obstáculo que os aprisionava.

Os rugidos dos leões, os urros dos tigres e o aulido das outras feras se misturavam formando um som pavoroso, que parecia reproduzirem aquele que devem ouvir os condenados no inferno.

Mas as notas deste tétrico concerto aos poucos foram-se enfraquecendo, até que, quando o leão soltou o último urro, ao medonho alarido sucedeu o silêncio da morte.

Imaginemos, agora, nestas jaulas de ferro candente, não feras, mas homens; e homens que em vez de morrerem no fogo continuam a viver, e

teremos uma idéia do inferno, idéia, aliás, muito imperfeita.

A História registrou para perpétua execração as truculências de alguns tiranos, que mais do que homens pareciam monstros.

Fálaris, tirano de Siracusa, confeccionou um touro de bronze para prender dentro os rebeldes e fazê-los morrer a fogo lento, aceso ao redor. Quem pode descrever os espasmos do supliciado? Gritava, debatia-se naquelas estreitas paredes, que se tornavam candentes, até exalar o último respiro entre aflições e tormentos indescritíveis!... Todavia, essas penas terminavam; o condenado terá suplícios infinitamente maiores e por toda a eternidade.

Nero mandava que se cobrissem os corpos dos cristãos com pixe e outros combustíveis, e depois, colocados nos postes, ao longo das alamedas, eram acesos à tarde, para iluminar, enquanto ele passeava no coche, insultando-os barbaramente nos padecimentos.

Maxencio amarrava as suas vítimas a cadáveres, rosto com rosto, tronco com tronco, membros com membros, e as deixava nesse horrível estado até que o mau cheiro das carnes corrompidas lhe acabasse com a vida.

Astiáges, rei da Armênia, condenou S. Bartolomeu Apóstolo a ser esfolado vivo.

Não menos horrível o suplício a que foi submetido o diácono S. Lourenço. Estenderam-no sobre uma grelha e por baixo espalharam brasas, de maneira que aos poucos fosse sentindo os ardores e mais longa e vivamente durasse o tormento. Cozida uma parte do corpo, voltaram-no do outro lado, para que cada membro tivesse seu sofrimento; e assim, neste lento e atroz martírio, rendeu a alma a Deus.

São talvez esses os suplícios do inferno? Qual! Apenas a sombra, uma pálida idéia.

Fala-nos o Padre Nierenberg de um jovem que levava uma vida aparentemente cristã, mas odiava a um inimigo; e conquanto freqüentasse os Sacramentos, nutria para com ele sentimentos de vingança, que Jesus Cristo obriga depor.

Morrendo, apareceu ao pai, todo envolvido em chamas, e disse-lhe que se condenara por não ter perdoado ao seu inimigo, e chorando exclamou:

- Ah! Se todas as estrelas do céu fossem como línguas de fogo, não traduziriam os tormentos que sofro.

Os dois fatos seguintes se referem propriamente ao fogo do purgatório, mas não vêm fora de propósito, já que os teólogos afirmam que o mesmo fogo que atormenta os condenados no inferno, purifica também as santas almas do purgatório, e que o purgatório é um inferno temporário.

Na vida de Frei Estanislau Chosca, dominicano polonês, lê-se que um dia, quando estava rezando pelos finados, viu uma alma toda devorada pelas chamas. Compreendeu que se tratava de uma alma do purgatório que implorava sufrágios, e a interrogou se aquele fogo era mais penetrante que o nosso.

- Ai de mim! Respondeu a mísera, todo o fogo da terra, comparado com o do purgatório é como um sopro de ar fresquíssimo.

- Mas, isto é impossível! Exclamou o frade. Desejaria mesmo experimentar com a condição de que isto aproveite para me fazer descontar aqui uma parte das penas que terei de sofrer, um dia, no purgatório.

- Nenhum mortal, replicou então aquela alma poderia suportar-lhe a mínima parte, sem morrer no mesmo instante, se Deus não o sustentasse. Se queres convencer-te, estende a tua mão.

O dominicano, em vez de intimidar-se, ofereceu a mão; e o defunto deixou cair sobre ela uma gota de suor. Estanislau desmaiou no mesmo instante, soltando gritos agudos. Acudiram logo os frades assustados e o encontraram desfalecido e com a mão chagada. Levado para cama e medicado, recobrou os sentidos; mas, não se levantou mais, sempre atormentado por terríveis dores causadas pela chaga da mão; e morreu depois de um ano, durante o qual não cessou de exortar os irmãos à penitência para evitarem os rigores da justiça divina.



A aparição que estou para referir é narrada na Vida de S. Domingos, escrita por Fernando de Castella, e comprovada por um profundo sinal deixado numa mesa.

Em Zamora, cidade da província de Leão, na Espanha, vivia num convento de Dominicanos um bom religioso, ligado em santa amizade com um Franciscano, homem como ele de grande virtude.

Um dia que se entretinham sobre coisas espirituais, prometeram reciprocamente que o primeiro a morrer, se Deus lho permitisse, apareceria ao outro, para informá-lo da sorte alcançada no outro mundo.

Morreu o Franciscano e, fiel à sua promessa, apareceu ao Dominicano, quando este arrumava a mesa. Depois de tê-lo cumprimentado com extraordinária benevolência disse-lhe que estava salvo, mas, tinha, outrossim, ainda muito que sofrer, por algumas pequenas faltas das quais não se tinha arrependido bastante em vida. Em seguida, ajuntou: - "Nada existe sobre a terra que possa dar uma idéia das minhas penas". E para que o Dominicano tivesse disto uma prova, estendeu a

mão sobre a mesa do refeitório, deixando na madeira a queimadura como se mão fora um ferro em brasa, tirado então da forja.

Imagine-se a comoção do Dominicano a este espetáculo. A mesa guardou-se religiosamente em Zamora, até o fim do século XVIII, no qual as revoluções políticas a fizeram desaparecer, como a outras muitas relíquias piedosas de que era rica a Europa.

Até agora temos falado das penas do sentido; e que dizer das penas do dano? Que dizer da privação da vista de Deus?

A privação da vista de Deus é o que propriamente constitui o inferno. Não fazem o inferno as trevas, o mau cheiro, o alarido, o fogo; a pena que faz o inferno é a pena de ter perdido a Deus. Se Deus mostrasse a face aos condenados, eles não sentiriam mais nenhuma dor, e o inferno seria um paraíso.

Apenas a alma rompe os vínculos do corpo, sente imediatamente que foi criada para Deus e se atira a Ele, como uma flecha voa para sua meta, como a agulha imantada livre do empecilho volta-se para o pólo; mas, estando manchada com o pecado, será repelida e precipitada no inferno.

Um caçador fez uma vez esta experiência: amarrôu o seu galgo com uma grande corrente, dentro do jardim murado, e depois soltou uma lebre. Apenas a viu, o cão avançou para adentrá-la mas é impedido pela corrente. Que raiva, vê-la correr pelo jardim e não poder apanhá-la! Ladra, gane, dana-se, morde a corrente para despedaçá-la, atira-se contra o animalejo que foge dum lado para outro. Fez tanto esforço que pouco depois caiu morto.

A alma tentará continuamente lançar-se para Deus, para o qual foi criada, mas o pecado é aquela corrente que não a deixará sair das chamas cruéis.

Um virtuoso sacerdote, enquanto estava exorcizando um energúmeno, perguntou ao demônio que penas sofria no inferno. A resposta foi esta:

- Um fogo eterno, uma maldição eterna, uma raiva eterna e um desespero cruel por não poder mais ver Aquele que me criou.

- Que farias para que te fosse concedido ver a Deus?

- Para vê-lo, mesmo por um instante, estaria pronto a sofrer num minuto todas as penas que devo sofrer em dez mil anos... Mas, vãos desejos, hei de sofrer sempre e não O tornarei mais a ver.

E foi tal o tormento e o desespero com que pronunciou estas últimas palavras que deixou funda impressão naqueles que assistiam aos exorcismos.



## Eu Não Creio Em Nada

- Eu não creio em nada, dizia-me duma feita um desses doutores da impiedade, com empáfia.

- Como? Vós não credes em nada? Repliquei. Então não credes na existência da América, da Oceania...

- Oh! Certamente que sim; queria dizer, não creio em nenhuma coisa sobrenatural.

- Mas, porque credes na existência da América e da Oceania, que nunca vistes?

- Tem graça! Creio porque o afirmam os geógrafos e muitas pessoas que perlrstraram essas regiões.

- E se credes na existência de coisas que nunca vistes, só porque o dizem os homens, porque não credes na existência do inferno, do juízo, revelada pela palavra infalível de Deus, confirmada pela razão e proclamada pela voz de todos os povos?

O livre pensador deu de ombros e não soube responder; mas, nem porisso se converteu. Custava-lhe tanto deixar sua vida desregrada e praticar a virtude!

Como são dignos de compaixão esses libertinos! Pretendem destruir o inferno, negando-lhe a existência; mas, quem nega uma coisa não consegue eliminá-la. Se eu negasse a existência da América ou da África, não conseguiria riscá-las da face do globo, mas subsistiriam, não obstante minha negação. Negai, negai quanto quiserdes a existência do inferno, que apesar disso o inferno continuará a existir e a queimar as suas vítimas, e um dia se abrirá para vós e vos sepultará naquelas chamas, se vos não corrigirdes de vossas desordens. A vossa fanfarrice e a vossa negação estulta não apagarão certamente aqueles ardores sempiternos, ao contrário, servirão para os aumentar e fazer-vos afundar mais naquele abismo. Quanto mais vos obstinardes na infidelidade e na negação do inferno, tanto mais acumulareis pecados e culpas para expiar na eterna prisão.



Uma ocasião, um infeliz, a quem se meteu na cabeça que não havia mais cárcere, nem tribunal, começou a roubar e praticar iniquidades. Avisado várias vezes pelos parentes e amigos, e ameaçado de prisão, replicava sempre que não havia mais cárcere, nem tribunal.

Sabeis o que aconteceu? O que já se esperava: dois policiais o prendem; é processado e condenado às galés por toda a vida.

Eis aí a história de todos os ímpios: abandonam-se aos vícios, acariciam as paixões, cometem pecados e mais pecados, dizendo que

tudo acaba com a morte e, no entanto, caem no eterno abismo. E Santa Teresa viu que caíam em grande número, como flocos de neve em dias de inverno!

Monsenhor Ségur conta um fato, bastante curioso, acontecido na escola militar de S. Ciro, nos últimos anos da Restauração.

O Padre Rigolot, capelão do estabelecimento, pregava um retiro espiritual aos alunos, que se reuniam porisso todas as tardes na capela, antes de subir ao dormitório. Uma das tardes, em que o bom do padre falara do inferno, terminada a função, tomou a lanterna e se retirou para o seu aposento; e quando abria a porta do quarto, percebeu que o chamava alguém que o seguia pela escada. Era um velho capitão de bigode grisalho e de maneiras pouco gentis.

- Desculpe-me, Sr. Padre, lhe falou com ar de zombaria; V. R. fez-nós agora pouco um magnífico discurso sobre o inferno. Mas se esqueceu de nos dizer se lá nós seremos cozidos, assados ou fritos. Poderia dizer-me?

O capelão percebendo que se tratava de um zoilo, fitou-o seriamente, e depois enfiando-lhe sob o nariz a lanterna que trazia, respondeu com toda a calma:

- Haveis de ver, Sr. capitão.

Dito isto, fechou a porta; sem poder refrear o riso pela figura ridícula daquele estróina.

Não pensou mais nisso, mas daí por diante notou que o capitão fugia dele.

Entretanto, veio a revolução de julho e extintas as capelanias militares, o Arcebispo de Paris nomeou o Padre Rigolot para outro cargo, não menos importante.

Passados quase vinte anos, o venerando sacerdote, entreteinha-se com os amigos numa tertúlia, quando um velho de bigode branco, fazendo-se encontradiço, cumprimentou-o e perguntou se era o Padre Rigolot, ex-capelão da escola de S. Ciro. Obtida resposta afirmativa:

- Oh! Senhor Padre, diz-lhe comovido o velho militar, permita-me que lhe aperte a mão e que exprima o meu reconhecimento; o senhor me salvou.

- Eu? De que modo?

- Oh! Não me conhece mais? Não se lembra do ocorrido naquela noite, que um capitão, instrutor da escola, a propósito de seu discurso sobre o inferno, lhe fez uma pergunta estúpida e V. R., pondo-lhe a lanterna sob o nariz, respondeu: - "Haveis de ver, capitão"? Aquele capitão sou eu; saiba que desde aquela ocasião suas palavras não me saíram mais da mente, como não me abandonou mais o pensamento que eu devia ir para o inferno. Lutei contra mim mesmo por dez anos; ao cabo dos quais, rendi-me a Deus, confessei-me e agora tornei-me cristão e cristão à militar, isto é, franco, sem respeito humano. A V. R. sou devedor de tanta ventura e folgo muito de poder encontrá-lo para manifestar-lhe o meu reconhecimento.

Pe. André Beltrami - SDB



## O Universo e o universo

Certo professor de física, que era ateu, dizia sempre que o Universo se originou de uma explosão, que por sua vez gerou um fungo, que virou uma bactéria, que ficou minhoca até chegar ao homem.

Deus estava fora de suas explicações.

Um dia seus alunos lhe prepararam uma boa: colocaram, preso à mesa do professor com cola de marceneiro, uma maquete de um castelo e colocaram o nome do castelo: Universo.

Quando o professor entrou na sala e viu o objeto, foi logo dizendo "quem fez isso?" "Quem colocou isso em minha mesa?"

Os alunos disseram: "ninguém, professor". "Foi alguém", disse o professor e continuou "tem de ser alguém, nada se faz por acaso".

Ele tomara o seu remédio. Então os alunos retrucaram: "professor, o senhor sempre disse que o Universo surgira por si e agora diz ser impossível que a miniatura chamada universo não tenha um autor. Se é impossível surgir sozinho algo tão pequeno, o Universo, muitíssimo maior e mais complexo tem de ter um autor e Esse é Deus".

O professor calou e ficou sem resposta. Quem cala consente.